

Antologia de Zaira Belintani

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatória

Sobre o autor

resumo

Procura-se

Maturidade

História de Amor

Diálogo das mãos

Questão de Tempo

Primeiro Dia

Desencanto

Pertences

A Paz

Estiagem

Devaneios

Ciranda de luz

Paradoxo

Infinito

Espera

No Embalo do Tempo

Solo Sagrado

Eu me Lembro

Ilusão

Menino

Sem Coração

Imagem Abstrata

Confidência

Subterfúgios

Cordel do Desencanto

Nascimento

Coisas de Deus

Feliz Ano Novo!

Um Presente

ALIANÇAS

O Lado Sombrio do Ser

CAFÉ COM FÉ

A LINGUAGEM DAS COISAS

Outra Vida

Fico Prosa!

Outono

MIMO

Sabedoria

PERFEIÇÃO

A Complexidade do Simples

INVERNO

Arquitetos das Palavras

Vou Voltar

REINICIAR

MEDO

ENTRE O AMOR E A SAUDADE

A ARTE DE BEM VIVER

CONTINHO DA TITIA

VALENTIA

Procura-se

**"Procura-se um mural onde fixar um coração
Um cartaz para desenhar uma emoção
Precisa-se de um Web site para divulgar sentimentos"**

Na borda do precipício da fria inexistência

A gente segue invisível e aspira por

Atenção!

A gente fez menção, ninguém notou

A gente saltou para o mundo!

Duro chão, dura realidade. O mundo anda muito ocupado

Com seu próprio mural, com seu cartaz, seu Web site.

Sentimentos partidos,

Esperanças perdidas e a gente juntando os cacos.

Sou refém dos sentimentos? São eles meus prisioneiros?

É um cárcere o meu peito ou eles moram por direito?

Vão crescendo, se amontoam, se debatem, me confundem...

Veza por outra eles abrem a janela do olhar

E escapam através de uma lágrima ou de um sorriso...

Gesto inútil!

O retorno é sem demora para o silêncio do infinito que é só seu, que é só meu.

Esse é meu lado indivisível

Que expressa livremente

O que no fundo, livre, mente.

**"Procuro um mural onde fixar meu coração
Um cartaz para desenhar minha emoção..."**

Maturidade

Um dia, a vida torna-se desbotada como uma foto antiga.
As emoções saltam de dentro da alma
e escorrem pelos olhos porque já não têm motivo para se esconder.
Os anéis não cabem mais nos dedos e os cabelos começam a rarear,
cansados de ter que ser os mais belos.
Perplexa, a moça descobre uma lacuna que sua vaidade já não preenche.
Vai ver que a vida tem outras faces a revelar.
Descobrirá quão complexa é a simplicidade!
A moça descerá do salto, calçando finalmente algo que se amolde aos seus pés.
A juventude, envelhecida, será guardada no baú de recordações, como um tesouro.
Abrir-se-á um livro novo.

História de Amor

Para poder falar de amor
Teria que ter vivido
Alguma paixão intensa
Que faz virar a cabeça
Passar as noites em claro
Sorrir Feliz
Falar sozinha
Atropelar o tempo
Saltando os obstáculos
Pra fazer chegar depressa
O dia, a música
O encontro.

Eu teria que ter amado

Para saber falar de amor
Com certa propriedade
Eu teria que ter sofrido
Quando, depois dos encontros
Viesse um desencontro.
Nele o amor partiria
Sem a palavra adeus
Conforme renunciado
Não gostar de despedidas
E eu me esvaindo em pranto
Em silêncio
Pelos cantos
Por uma semana inteira.

Eu poderia imaginar
Que após a sua partida
Feito louca eu pensasse
"Melhor tivesse morrido
Pra não ver morrer o amor"
Porque o triste do amor

Deve ser o esquecimento
A hora do sentimento
Ir saindo devagar
Deixando no seu lugar
Um vazio coração
Feito casa abandonada
Planta seca no deserto.

Na minha percepção do tempo
Após um mês da partida
Séculos haveriam se passado.
E, se do nada, o mesmo amor
Voltasse assim de repente
Tentando reavivar a chama
Não me reconheceria
Na casa redecorada
Na alegria forçada
Escondida a cicatriz.
Desse modo, algum dia
Nas páginas da saudade
Uma história eu contaria.

Diálogo das mãos

- Deus nos deu a forma e a medida certa
Só nós conhecemos do amor o segredo
Para amenizar a solidão, o ódio, o medo
Nas decepções das horas mais desertas.

- Estamos sempre postas, prontas a curar
A alma solitária e o coração vazio
Com desvelo acalmar a mente em desvario
Do irmão que necessita pede um olhar.

- Mãos sejam vazias e sejam pequenas
Somente na humildade é que se pode amar
E subir os degraus da escala do valor.

- Pois são muito mais que simples mãos apenas
Aqueles que nuas, conseguem se doar
E aquelas que nuas, prosseguem sem a dor.

(Setembro de 1984)

Questão de Tempo

Sou o sonho de ser.
Por onde passo
Vou deixando partes soltas
De algo inacabado,
Tendo iniciado o novo
Sem dar conta do antigo.
Estratégia para continuar,
Neste turbilhão do tempo
E prolongar o momento?
Ou será que o sonho
Só é uma camuflagem
Para a dura realidade?
Não importa. É muita vida
Para pouco tempo.
E o tempo agora
Está passando.
Já passou.

Primeiro Dia

Ontem na noite calada
Um ruído me acordou
Tamborilou no telhado
Em ritmo compassado
Pensei, a chuva voltou!

Gotas brilhando no ar
Através do vidro eu vi
A luz no chão se espelhar
O céu a terra visitar
Detalhes que não perdi.

Pela manhã, dia lindo
Renova a floresta em vida
Em meu jardim já florindo
Curiosos vão se abrindo
Os botões de Margarida.

Iris, Cravinas e Rosas
Valentes da longa espera
Ressurgem bem mais formosas
Anunciando orgulhosas
Estamos em primavera!

Desencanto

De repente o riacho revelou segredos,
Descortinando o medo, a mágoa, a poesia,
Ferindo a flor das ondas de encontro às pedras.
Em corredeiras loucas e saltos mortais,
Passaram sonhos tontos, restos de utopia.
Passaram de passagem para nunca mais.

De repente os velhos montes de curvaram
No horizonte em chamas da realidade.
Seu verde jeito de contar histórias,
Carbonizado, deturpou lembranças.
Se os seus encantos foram lendas ou verdades,
Só sobraram cinzas sem verde esperança.

De repente os versos perderam sua rima.
Da vida rasgou-se a sutil fantasia,
Esfarrapando o manto nu da solidão.
Sabe lá Deus, embelecer a eternidade,
Partiu o poeta, levando a poesia.
Não há mais espaço para sentir saudade.
Arquivo 1991

Pertences

Dizem que as coisas
pertencem a que as ama.
Eu tenho,
entre outros tesouros, uma floresta.
Começa bem ali
na divisa com meu quintal.
Da janela eu posso contemplar
o mundo verde a perder -se no horizonte,
em tons que mudam
conforme a luminosidade incide.
Os sons da mata são diferentes
em cada Estação do ano.
É primavera.
De tardinha quase noite,
no balanço da varanda,
eu fico ouvindo a orquestra
dos sapos e dos grilos,
das cigarras em contraponto.
Uma brisa úmida
movimenta de leve as ramagens.
Última ave piou buscando abrigo.
Charlotte, a coruja que toda noite
pousa furtiva no mourão da cerca e
fica piscando pra mim,
parte silenciosa...
É lua cheia.
Depois da chuva o luar se infiltra
por entre nuvens remanescentes
e o urutau, ave quase fantasma
vivente aqui na floresta,
Emite seu canto peculiar.
Enquanto isso
a natureza dorme em paz,

envolta numa cortina de névoa.

Tenho muito, se não tudo e
também tenho gratidão.

A Paz

Logo depois daquela curva da estrada
Eu estava certa de que encontraria
Aguardando-me ansiosa na chegada
Aquele paz que há muito eu não sentia.

Mas lá chegando pus-me aflita a perguntar
"Onde estará o que anseio na viagem?"
Pelo vasto horizonte lancei o olhar
Mirando, desolada, a paisagem.

Desapontada, percebi a solidão
"Tudo o que almejas te escapa!" pensei.
Nesse momento a minha busca teve fim.

Quando, suave ouvi uma voz, meu coração
A me mostrar a paz que muito procurei,
- Oculta na desordem que havia em mim.

1988

Estiagem

Leve, ligeira
Folha ferida
Voa vencida,
Dor derradeira.
Leve, ligeira
Ramos, Raízes
Chão, cicatrizes
Pedra, poeira.

Vento vadio
Força ferina.
Relva, ravina
Incandescente.
Sol soberano,
Chuva clemente.
Folha, farrapo
Rodopiando
Indiferente.

Cai coração
Suavemente
A confundir-se
Com ciscos no chão.
Folha fantasma
Gira girando
Se desmanchando
Redemoinho
De solidão.
Arquivo 1983

Devaneios

Será que viveremos o suficiente

Pra sentirmos saudades dos velhos tempos?
escaninhos da mente

De quem vivenciou bons e maus momentos?

Como estarão os

Serão agradáveis as nossas lembranças?

No velho baú, o que teremos guardado?

Muitas dores, risos fartos, esperanças

O nosso fardo será leve ou pesado?

Há muitas dúvidas, e há uma certeza

São úteis agora a rosa e o espinho

Para em sabedoria nos edificar.

E chegará a hora em que até a tristeza

Pedra lapidada ao longo caminho

Dará prazer a quem dela se recordar.

Ciranda de luz

Fez-se terra, água e luz
Do muro que se fendeu
Do pólen que adormeceu
Da vida que já raiou
E nunca mais terá fim
Pois somente o amor valeu.

Um infinito
A criação
A força
A fé

Um alicerce
A solidez
A pedra
O pó

Uma roseira
O espinho
A Folha
O chão

Uma criança
O sorriso
O olhar
O sol

Uma muralha
A coluna
O arco
O céu

Uma coragem

A emoção

O feto

O grão

Pois somente o amor valeu

E nunca mais terá fim

Da vida que já raiou

Do pólen que adormeceu

Do muro que se fendeu

Fez-se terra, água e luz.

Arquivo 1984

Paradoxo

A rotina nos arrebatá.

A cada dia mais distantes

Quase lhe perco de vista

Um pontinho no horizonte.

Onde estamos falhamos?

Tantos planos que fizemos

Priorizamos nossas metas

E de nós nos esquecemos?

Juntos o mundo construímos

Agora demanda cuidar

O amor pede socorro

Precisamos reinventar.

Urge olharmos nos olhos

E procurar pelo SIM

Não gosto de ver você

Não gostando mais de mim.

Infinito

Não sei se o mar termina
Onde o céu vem se banhar.
Se mar deságua no céu,
Se o céu desaba no mar.

Na linha do infinito,
Fenômenos acontecem.
O sol emerge das águas
A lua cheia embevece.
Fulgurando sobre as ondas
Tapete de ouro ou de prata
Estendido até o cais,
O meu destino arrebata.
Os remos já não obedecem
Ao comando de minhas mãos.
Impulsionando meu barco
Só a luz do coração.

Meu sonho é me perder
No horizonte sem fim.
Quanto mais tento alcançá-lo
Mais ele foge de mim.

Espera

É noite. O céu encoberto
Encontra o perfil dos montes.
Aqui, eu e meu deserto
Sereno, claro, concreto
E além, os meus horizontes.

Não há um só movimento
No quadro desta janela.
O tempo passando lento
Triste assobio do vento
E eu aqui de sentinela.

Cismando, ergo meu o olhar
A paisagem se transformou
Há uma estrela a brilhar
A palidez do frio luar
Minha rua iluminou.

Além, sombras se movendo
Buscam na noite um abrigo.
Aqui, os sonhos morrendo
Um a um vão -se perdendo
Quem me dera estar contigo.

No Embalo do Tempo

*O tempo é justo e medido
Desloca tudo ao passar
Tenho muito prazo perdido
Sem chance de resgatar
E Se me atrevo a ir na frente
Levar alguma vantagem
Perco tempo novamente.*

*Se parece impiedoso
A natureza degradar
O tempo é dadivoso
Na ação de restaurar
O ciclo da criação
A autodepuração
Reciclar, recuperar.*

*Enquanto a eversão labora
Na matéria em desalento
O espírito se arvora
Em renovar provimento
A cada dor, desagravo
Segue ileso, são e salvo
Ao doce embalo do tempo.*

Solo Sagrado

Distante

Névoa na serra

Cerração

Lá vem de novo

Chuvinha miúda

Nas copas das árvores

Deslizando

Perfurando os ninhos

Soninho

Eu, poeta, sonho

Eu, espécie humana

invado

Sem querer

O cenário

Não quero que o momento passe

Sem que eu me aperceba

Da trama

Sem que eu me enlace

Na teia

Da qual sou parte

Volto ao poeta

Assim fico em paz

Clamo pela delicadeza

Apelo para a gentileza

No olhar

No sentir

No respirar

No pisar macio

O solo sagrado

Emprestado

E dizer:

- Obrigado!

Eu me Lembro

Eu me lembro
Do teu cheiro
Cheiro de leite e suor
Da tua lida sagrada
Corrias por todo lado
Desde o raiar do dia
Realizando milagres
Com tuas mãos de fada.
Do tanque para o fogão
O ventre redondo ao calor
Da lenha que fumegava
Nos lábios uma oração
Enquanto fazias o pão
Nosso pão de cada dia.
Eu me lembro
Teus cabelos
Recolhidos às pressas
Presos por uma travessa
De madrepérola.
Se o fardo te pesava
Jamais ouvi um protesto.
Á tardinha tu sentavas
E com agulha de mão
Cerzias as roupas
Pregavas botão
Amamentando o caçula
Enquanto me ensinavas
No caderno a lição.
Não te coube a tua casa
Não bastou a tua obra
Possuías tempo de sobra
Para o mundo visitar
Com tua faina ajudar.

Tantas pedras recolheste
Que outra morada fizeste
Esta que habitas agora.
E quando a vida me atordoa
Tua lembrança me acalma.
Gestos, palavras, sorrisos
Fragmentos de memórias
São sentidos permanentes

Gravados em minha alma.

Ilusão

Toda ilusão perdida
é um pedaço de vida
que se aparta da gente.

Toda chama de esperança
é uma vida criança
a renascer de repente.

Como um horizonte aberto
de um novo mundo desperto
onde germina a semente.

Toda ilusão é aurora
é dia em que chega a hora
de viver eternamente.

Arquivo/ 1987

Menino

O menino

Passeia na praça

Exibe importância.

Mostrando ao mundo

Que não é mais criança

Ele não sabe, mas

Falta muito

Pra ser um rapaz.

O menino, na escola

Não resolve equação

Esquece a lição

Olhos cerrados, sonha

Com as minas na praça

Que passam sorrindo

Esbanjando graça.

Eu anseio por um mundo

Com maior conteúdo

Que oferte

Mais que uma praça no domingo

Onde vagueiam meninos

Feito abandonados

Ao próprio destino.

Peço a Deus

Pelo futuro do menino.

Sem Coração

Venho percebendo
Vazia sensação
Aqui em meu peito.
Procuro e não entendo
Sumiram meus sentimentos.
Onde está meu coração?

Mas que distraída eu sou!
A vida me obrigou
A fingir-me de forte!
Meu coração sufoquei.
E agora, onde está?
Coração obediente
Por que te mandei calar?
Perdoa essa demente
Volta para o teu lugar!
Coração brincalhão
Por que te escondes de mim?
Não acho minha alegria
Minha ilusão teve fim
Nem sei mais do meu amor
Minhas lágrimas, cadê?
Sumiu o brilho no olhar
Que feliz eu seria
Se pudesse chorar!

Imagem Abstrata

Sorria, você está sendo filmado.
Sorriso franco ou simulado, aqui não diz.
Recomponha-se, faça pose de feliz
Cole um sorriso nesse seu rosto fechado.

Manhã cedinho e o trânsito já parado
O sol no asfalto emana ondas de calor.
Seu automóvel teve pane no motor.
Mas, sorria, você está sendo filmado!

O que lhe resta é munir-se de coragem.
Tira a gravata, um nó a menos em sua vida
Logo, apressado, principia a caminhar.

(A câmera que registrou essa imagem
Não gravou uma frustração mal contida
Nem mesmo solidão difusa no olhar.)

Confidência

Dentro de mim há uma fonte
Jorrando notas de canção
A música é como água
Que a sede não sacia.
Sede do passado
De um viver que existia
Do solo que pisei.
Sede de preservar
A sombra leve do meu ser
Na areia quente do chão
No vô da ave noturna
Nas libélulas, nas cigarras
Nas borboletas do pântano
Contentinhas
Cores dançantes no ar.

Escuto a voz em meu peito
Há muito nesse cantar
Mas vem a luz da razão
Me chamando a acordar.

Finjo- me manter desperta
Pois bem sei que não tem jeito.
Essa canção nunca para.
É ela que dá vazão
Mantendo a trilha aberta
Por onde entra a saudade
Por onde sai a solidão.

Subterfúgios

Claro como o sol é muito oportuno
Pois nunca poderei olhar sem me cegar
Por isso inventei os óculos escuros
Para meias verdades poder contemplar.

Verdade nua e crua é muito inoportuno
Melhor, esconder, camuflar, encobrir
Por isso inventei a pílula dourada
Bonita de se ver e fácil de engolir.

Bem sei que a verdade nem sempre agrada
E o que surpreende às vezes assusta
Seria bem mais fácil me ludibriar.

Mas a vida não é como um conto de fadas
Não se trata de aceitar a realidade injusta
Mas de ter coragem para transformar.

(Imagem disponível para publicação.)

Cordel do Desencanto

*No amor eu me encontrei,
no amor eu me perdi.
Coisas que nunca pensei
quando no amor procurei,
muito mais eu descobri.*

*Descobri que a vida é tudo,
descobri que a vida é nada.
Eu disse: "não me iludo,
tenho protetor escudo."
E mergulhei fascinada.*

*Mas ao fugir da solidão,
o pior me aconteceu.
A trama da ilusão
que envolveu meu coração
ficou mais forte que eu.*

*Algo chamou-me à razão,
pois eu não estava feliz.
Foi descuido meu, então,
estava em minhas mãos
mudar o rumo e o fiz.*

*Hoje nada me atordoa,
sei que o amor verdadeiro
cuida, praza e não magoa.
E para amar outra pessoa,
hei de me amar primeiro.*

Nascimento

*Jesus Cristo quer nascer.
Hora de arrumamos
Uma casa para Ele
Evaziando nossos corações
dessa tralha do egoísmo
Sacudindo a poeira do desamor
Decorando um pouco
Com toques de caridade
De fé e de esperança.
Não nos esqueçamos:
Ele quer moradia.
O Natal é simbólico
Uma vez no ano
Mas pode ser real
Todos os dias.*

Coisas de Deus

Eu não sei fazer poesia.
Pois afinal, quem sou eu?
Poesia é coisa de Deus.
Só posso ver e sentir:
Vejo poesia na flor,
Numa rocha milenar,
Num arco-íris no ar,
Sinto a presença do Amor.

Aqui estou neste cenário.
Se não sei fazer poema,
Contemplar já vale a pena.
Um pequeno grão de areia
Invisível na natureza
Pode conter um universo.
Pudera eu fazer um verso
Exaltando essa beleza!

Quisera sim, poetar
Sem nenhuma pretensão,
Versejar numa canção
As coisas que tenho em mente
E até me ponho a cismar:
As vagas do mar bravio
E a mansidão de um rio
São espelhos do luar.

Penso e não acho palavra.
Jamais terei o bastante
Ao me encontrar diante
Da grandeza da criação.
Me acode então uma prece
Em que minha alma se arvora.

Por estar aqui, agora,
Meu coração agradece.

Foto: Zaíra Belintani

Feliz Ano Novo!

Então, mãos os à obra
para enfeitar a vida
com todas as cores e tons
sabores e sons possíveis
produzindo um calendário vivo
bem diferente
daquele almanaque desbotado
que permanece pendurado na parede
o ano inteiro.
Afinal, vida se faz com arte
e somos criados, cada um
artista de si mesmo.
E do cenário em que se vive.

Não percamos a fé!
Façamos nossa parte.

Que em 2121,
Sejamos
Bem cuidados, cuidando
Bem amados, amando
Sejamos felizes!

Um Presente

Estou vendendo poesia
Joia rara, lhe asseguro!
Compre e pague com um sorriso.
Se acha caro sorrir
Aceito em troca um olhar.
Se não for de seu agrado
Nem precisa me pagar.
Tenho verso pra seu mundo
Seja de que tempo for
Qualquer que seja o lugar.

Um poeta não vacila
Em transpor qualquer barreira
Pra salvar sua ilusão.
Muito de minha fantasia
Tudo de meu sorriso e paz
Nada de minha solidão.
Quem vai querer poesia?
Basta que estenda a mão.
Se não lhe der alegria
Aceito devolução.

Mas, que insistente eu sou!
Fazendo graça na praça
Um feito quase impossível.
E como uma simples poeta
Na multidão, invisível
Dividirá seu amor?
Meu poema ? Um Presente
Passo então a declamar.
Só me escute (por favor!)
Nada mais vai lhe custar.

Arquivo 1989/adaptado 2121

ALIANÇAS

Ainda bem
Que eu tenho a chuva
Céu em gotas
Cascata de bênçãos
Água salutar
Livra-me do mal
Lava-me a alma
Leva-me o medo
Oculta meu segredo
Disfarçando-me as lágrimas
Quando se misturam
No meu rosto.
Ainda bem
Que eu tenho a chuva
Nuvem que goteja
Fonte benvazeja
Promissora
Verdejante
Fertilizante
Renovadora
Da esperança
E da vida
Há milênios de história
Majestosa natureza.
Ainda bem
Que eu tenho a chuva
E tenho o sol
Para projetar seus raios
Colorindo espaço
Enlaçando a terra
Celebrando a aliança.
Por um momento

Reina o arco-íris
Efêmero, eterno
E logo se dilui
Na paz da tarde.
Ainda bem...

(Foto: Zaira Belintani)

O Lado Sombrio do Ser

Brincando, pisei de leve o chão molhado
Dentro da tarde morna que morria
Saída do interior de um longo dia
Que se sentira envelhecido e só.

Sorrindo. Dentro da tarde calma
A luz brincava de abrir passagem
Através do verde-negro da folhagem,
Indo pousar nas pedras mudas da calçada.

Um dia escondendo-se na noite.
Vozes, sussurros, lamentos, canções
E os sons se confundindo ao traduzir as vibrações
De pessoas e de coisas mergulhadas no torpor.

Súbito! Pisei na tarde calma e distraída!
Senti sob meus pés raios finais
De derradeiro sol que não vi mais
E todo o espaço envolveu-se em densas nuvens.

Então o que era dia anoiteceu
E Tudo que era noite chorou de medo!
Calaram-se os lamentos e os folguedos
E um repousar febril permaneceu.

Chorava e gotejava a chuva fria
Atravessando a vastidão do espaço eterno
Que abrigara em seu seio terno
Restos do que sobrara de uma vida inteira.

Dentro daquela noite eu me procurei.
Eu era só eu, com meus pensamentos.

Eu era só eu, com meus argumentos

E eu era só...

Arquivo 1981

Imagem: Rua do Rosário, Itabirito MG / Zaira Belintani

CAFÉ COM FÉ

Cai mais uma folha
do calendário e
Já é novo dia.
Lembranças amarrotadas
são passadas e guardadas.
Delas, a memória se encarrega.
Consulto as estatísticas.
O gráfico revela incertezas em alta,
ânimos em baixa.
A manhã anuncia mais um dia.
O relógio aponta menos tempo.
Abro a porta do meu coração
e deixo- me entrar, sem pressa.
Tomo uma xícara de fé.
Dou ouvidos ao silêncio,
asas à meditação.
Dou falas à oração...
Hora de orar
Horas são
De oração
E ação!
Pois já é outro dia
e a vida não espera.

foto: Zaira Belintani

A LINGUAGEM DAS COISAS

comunicação

absbtrata

distrai

o

mundo

concreto

Aldravia

Foto: Filipe Belintani

Outra Vida

O respeito e a empatia
Trabalham na sintonia
Dos seres e o seu redor
Tornando o mundo melhor.
É comum avaliarmos
Como vive uma pessoa
Mas sabe lá o que é viver
A vida de outro ser?
Nossa ignorância inconteste
Se reprova nesse teste.

Dê-nos diploma e cultura
E a nossa conjectura
Não passará de ufanía
Ao afirmar da alegria
Do desamor e do prazer
Na vida de outro ser.
Portanto cuidar é preciso
Para não fazer juízo.

Foto: Zaira Belintani

Fico Prosa!

Ganhei uma rosa!
Ainda sinto o perfume em minhas mãos.
Ainda toco o veludo de suas pétalas.
Na verdade...
Não foi dada a mim, propriamente
Mas eu a mereci desde o momento
Em que foi lançada para o ar.
Sua trajetória só durou segundos:
Projetando-se para o alto
Ela descreveu um arco e veio vindo, caindo
Muitos braços se levantaram, ávidos
Mas ela veio em minha direção.
Só precisei erguer a mão no momento certo
E me equilibrar na ponta dos pés.
Logo
A linda rosa vermelha estava entre meus dedos.
Eu, despercebida até então
Vi todos se voltarem para mim
E aplaudirem (invejosos)
Eu, cidadã comum, despretensiosa
Só viera ver o show
E agora, ostentava feliz, a flor.
Quis dividir o presente
Que não era só meu, mas de toda a plateia
Aproximei-me mais
E juntei minha voz à de toda aquela gente
Enquanto o artista se despedia
Homenageando seu saudoso pai, também nosso ídolo.
E, ao fim daquela noite, as notas da velha canção
Emitiram mais que vibrações
Subindo, até alcançar suas estrelas
Com frases e melodia, que todos sabíamos de cor:

"Nasci lá nos subúrbios nos melhores dias
Com votos da família de vida feliz... "
Foi uma bela noite!

Outono

Gosto da calma de outono

Cores quentes

Folhas mortas

Sementes

Recomeço

Eu me apego a estas raízes!

MIMO

Com quatro quadros iguais
Componho as laterais
Unidas, lado com lado
Formam assim um quadrado

Para dar profundidade
Colo com suavidade
Uma base que se encaixa
E logo tenho uma caixa

Ponho por cima uma peça
Não é um quebra-cabeça:
Para a caixa completar
Tampa não pode faltar

Assim, com esses quadrados
Unidos e organizados
Com tinta e algum pincel
Escolho a cor do céu

Uma coisa tenho em mente
Enviar-lhe um presente
Que lhe encontre, enfim
Que leve um pouco de mim

Quando o mimo receber
Só você vai entender
Nessa doce utopia
Mando-lhe a caixa vazia

Saberá que a lembrança

É alento da esperança
Que o amor pra ser perfeito
Não sai de dentro do peito.

Sabedoria

importa

querer

saber

para

saber

querer

(Aldravia)

Foto: Filipe Belintani

PERFEIÇÃO

Toda manhã acordo antes do dia abrir
O olho do sol e se desvestir do breu.
Na fria incerteza do que está por vir
Aceito o desafio do destino meu.

Mas a luz não demora nada a surgir
Da cortina de nuvens, clareando o céu.
Ilumina-se o chão por onde prosseguir
Na vida que em mim também amanheceu.

Sucedendo esse dia, virão mais a seguir
Nas obras do Criador, prima-se a perfeição
E a natureza vai cumprindo seu papel

Até encerrar-se o ciclo e tudo se esvair
Para um novo plano, numa outra dimensão
Que a humana ciência ainda não conheceu.

Foto:(Zaira Belintani) Rio São Francisco / Pontal do Abaeté / Brasil

A Complexidade do Simples

*Não é preciso muito para ser feliz
Basta ter um cantinho bom para viver
Que possa ser chamado "meu doce lar"
Escolher um lugar para cada coisa
Cuidar que cada coisa esteja em seu lugar
Para ser feliz basta que se aprenda
Olhar bonito, ouvir atento, falar suave
Ter um amigo que diga a verdade
Não como espelho, esse é conveniente
Há que se conviver com a sinceridade
Há que se trabalhar alma, corpo e mente
Abrir sempre janela para a luz entrar
Respirar fundo, ouvir a voz do coração
Cultivar uma planta, vê-la progredir
E mimar um bichinho de estimação
Felicidade não é só o que se sonha
Não é o impossível, não está além
É como uma trama que vai- se tecendo
Pequenos bordados aos poucos se unindo
Enquanto a vida segue acontecendo...*

Foto: meu jardim

INVERNO

Noite gelada
Rua deserta
Sombras furtivas
Folhas ao vento
Do céu constelado
Sem testemunhas
A lua vigia
Criaturas ao relento
Paira um silêncio enorme
Cobrindo a terra que dorme
Tremelicando, entorpecida
Alma nua, fio de vida.
Mas o coração inflama
Mas o coração palpita
Flameja em chamas
O seio que habita
Guardando a semente
Que paciente espera
O retorno da primavera
Ah! O inverno...
Breve momento eterno!
Foto: Leo Perdigão

Arquitetos das Palavras

E se as palavras são eternas

A morte é ilusão

Onde ficam os poetas

Arquitetos das palavras

Quando morrem?

Aonde vão?

Acho que não morrem, não...

(Poetrix)

Vou Voltar

Vou voltar.
Estou deixando muito de mim,
quase nem sei mais quem sou,
O amor é assim.
Difícil é a hora de partir,
A saudade vem dizer que não tem jeito.
O relógio da estação
Anuncia a imparcialidade do tempo,
Ignorando as batidas do meu coração.
Um beijo sela as lágrimas...
Eu vou voltar!
Em cada curva que o trem apitar,
estará repetindo, eu vou voltar!
O ultimo raio de sol
some atrás dos montes
e a névoa envolve a paisagem,
cobrindo a terra com o véu da noite.
Lá do alto,
em meio à renda negra dos pinheiros,
a lua corre aflita, acompanhando o trem.
A distância agora ficou maior e
o último casario ficou para trás.
Fecho os olhos, começo a contar
os dias as horas, os minutos
na esperança de poder voltar
e conferir o que resta de mim,
que com você ficou naquela estação, a me esperar.
Foto tirada da internet

REINICIAR

Às vezes eu preciso
distanciar-me
do rol de confusões
das turbulências do mundo
gritar no meu silêncio e
acordar meus sentidos
adormecidos.
Preencher meus vazios
esquecer a solidão ao meu redor
reencontrar-me
e conferir quem sou.
Aninhar-me no calor da minha alma
saber que estou aqui
que ainda guardo o meu melhor
e que posso contar comigo.
Às vezes eu preciso
reiniciar meu sistema
buscar possibilidades
no campo do impossível
traçar novas diretrizes
e cuidar de não me perder de mim.

MEDO

O que mais me apavora,
a escuridão da noite
ou o farol ofuscante
da luz do dia aqui fora?
Os monstros da minha infância
há muito foram embora.
Só permanece a lembrança
na confusão da memória.
Fantasmas não dançam mais
na janela dos meus olhos.
Realidade ou fantasia,
o que temerei agora?
Ando pela vida afora,
minha sorte é meu degredo.
Mas um dia encontro a morte,
cai por terra meu meu segredo:
Quando chegar minha hora,
terei medo de ter medo.
Foto: Serra da Piedade (Zaira Belintani)

ENTRE O AMOR E A SAUDADE

Vai-se a saudade
Vem o amor
Uma nova saudade virá
Quando o velho amor partir

Parte o amor
Volta a saudade
Um novo amor nascerá
Quando a saudade sair

Pode acontecer, porém
Que ele chegue
De repente
Sem aviso
Sem bater
Tome posse
Faça a festa
Quando esse amor surgir
Você saberá
Que é para durar
E a saudade
Ora, a saudade
É como a água corrente
Que bate nas pedras
Se atira em penhascos
Revolve areias
Para afinal seguir Serena
Embalando os sonhos
Levando os medos
Lavando as mágoas
Guardando segredos...

Créditos da foto: Zaira Belintani

A ARTE DE BEM VIVER

Viver é uma eterna busca
Um insistente caminhar
Vence quem faz sua parte
Recria, perfaz, insiste
E a vida tece com arte
Mantém acesa a esperança
Cria na fé aliança
Apesar das duras penas
E das lutas desiguais
Inda acha a vida pequena
Na existência terrena
De alma leve, agradecida
Sem quedar-se, segue além
Trabalha a resiliência
E a arte de viver bem

CONTINHO DA TITIA

- Bichin, bichin, bichin...

De todos os cantos
patinhas silenciosas se aproximaram.
A gataria encheu a cozinha.

- Miau, miau, miu, mi...

Dengosos, deslizavam e se enrosavam
nas panturrilhas inchadas de titia.

- Fuge* daí, vocês me derrubam!
(Risos)
Segurou-se no espaldar da cadeira.

Os pratinhos de comida
ficaram limpos num instante.

Em seguida, no quarto,
sentada diante da penteadeira
ela libertou os cabelos presos num coque.
Fios brancos, quase nada
apesar da idade.
Penteou-os demoradamente, com prazer.
Fez uma comprida trança...
Sem pressa, vestiu-se com a camisola
enquanto o vestido de florzinhas
voltava a esperar na cadeira.
Deixou os chinelos sobre o tapete e
com cuidado subiu para a cama.
(Ruído de palha do colchão)
Recostou-se no travesseiro

tão alvo quanto os lençóis.
Puxou as cobertas, noite fria.
Apagou o abajur e tomando o rosário
começou a debulhar suas contas.
Na primeira Ave-Maria já dormia.

A janela de tábuas
compactava o escuro
mas não completamente,
porque através de uma pequena fresta
o facho de luz vindo de fora
espiou curioso
o urinol esmaltado
de prontidão embaixo da cama.
Sob os cobertores,
sem nenhuma cerimônia
e sem disputa
(Era o paraíso)
almofadas de pelo
ronronavam.
Era o paraíso...

*Fuge daí: fuge daí, saia daí...

VALENTIA

Sou livre e sei o alto preço que paguei
De quantas quedas consegui me levantar
Na escola da vida foi onde me formei
Fiz um balanço: nada tenho a lamentar

Dos caminhos abertos os quais encontrei
Sempre fui ousada para me desviar
Pelos novos atalhos que eu mesma criei
Fui aprendendo sem medo de errar

Assim que foi construído meu destino
Sou árvore retorcida do cerrado
À qual as procelas tornaram mais forte

A minha força nasceu desse desatino
E a resiliência hoje é o resultado
De eu nunca ter fugido à minha sorte.